

Fazer comunidade(s) à maneira de Paulo

JOSÉ DA SILVA LIMA

Eventualmente, este *Diálogo Transversal*¹ não terá outra novidade senão a de tratar, de forma ordenada, alguns tópicos paulinos já conhecidos, talvez de importância maior para a construção da «comunidade» eclesial, hoje.

Tomo deliberadamente uma perspectiva de Teologia Prática, no duplo sentido de reflectir sobre o presente das comunidades e de discernir nele algumas formas renovadas de estar, de reconfigurar a acção, de propor algumas tarefas possíveis.

Baseio esta reflexão, em perspectiva paulina, de «fazer comunidades», hoje, nos últimos livros que tive oportunidade de estudar e que apresento no final e em algumas conferências de exegetas especialistas a que tive o prazer de assistir.

1. Comunidade, a luz de uma queda

Tomo convosco o primeiro escrito cristão², saído do pensamento de Paulo, o grande apóstolo que abriu o Evangelho de Jesus a todos os povos, aquele que mandou escrever o maior texto do Novo Testamento, o conjunto das suas cartas.

¹ Este estudo insere-se na iniciativa da Faculdade de Teologia – Braga, *Diálogos Transversais* – VI – *Nas Fontes do Cristianismo*. Março-Junho 2009.

² 1 Ts, escrita provavelmente de Corinto entre os anos 50 e 52. Cf. a este propósito Michel QUESNEL– *Saint Paul*. Paris: Desclée de Brower, 2008, 39. Este autor data o primeiro escrito de Paulo no ano 50, a partir da primeira estadia do apóstolo em Corinto. Cf. pág. 39.

Não se trata de um apóstolo qualquer, mas o apóstolo que é o nosso, o dos gentios, já que não somos judeus de raça como ele, nem tivemos a graça de entrar na primeira aliança³, na qual ele era profundamente formado, segundo a escola de Gamaliel.

Paulo, filho da diáspora judaica, aquele que foi cego por uma luz intensa a caminho de Damasco⁴, que conta a maravilhosa «*queda por terra*» que o fez levantar-se para Cristo, deixando tudo o resto para traz e batendo-se, agora, pela Luz intensa que iluminou o seu interior. Cego para fora, mas vidente de Cristo Ressuscitado, o qual deu a volta à sua vida, vidente no interior do coração, abrindo o olhar da alma para se aperceber daquilo que Deus fazia na sua vida.

As comunidades que vão surgir são filhas desta queda e desta luz, deste itinerário novo de Paulo, deste novo início. Somos filhos destes primeiros escritos que são as suas cartas, contendo o fascínio que Cristo ressuscitado provocou, narrando os feitos extraordinários de uma aventura que o levará até à confissão, no martírio em Roma, uns quinze anos depois⁵.

As comunidades de Paulo nascem com a marca deste dia de *queda*. Também as do nosso tempo. Deixar as coisas que em cada um são pesadas e podem provocar quedas involuntárias, deixar as atrapalhações que não deixam ver o essencial, deixar cair o que cega o mais importante que está dentro, deixar cair os preconceitos que nos fazem estar atentos ao que é dos outros e sobre o qual nada temos que ver, colocar de parte aquelas atitudes que nos parecem correctas, mas que fazem mal aos outros (como Paulo a caminho de Damasco, perseguindo os seguidores do Ressuscitado). Queda de tudo o que nos parece ser muito nosso, queda do regime de cristandade, que nos torna orgulhosos de nós mesmos, saltando por cima dos outros e impedindo que eles caminhem mais além, nos seus justos ideais. A queda do egoísmo e da arrogância, da vontade de ser «senhores», retirando o lugar que pertence a Cristo apenas. Este é o início da comunidade, uma queda de despojamento⁶. E, neste sentido, de encontro com Cristo vivo e ressuscitado, Aquele que dá início a uma nova criação⁷, outra maneira de estar e de viver.

³ A propósito da educação de Paulo, cf. Jerome MURPHY-O'CONOR – *Jesus e Paulo*. Prior o Velho: Paulinas, 2008, 56-61. Cf. também *Ibidem*, «Zelo pela Lei», 84-87.

⁴ Cf. Act. 9,3.

⁵ As narrativas desta experiência de Paulo encontram-se em Act. 9, 1-19, e em dois dos seus discursos, Act. 22, 4-21 e 26, 9-18. Sobre a questão do seu martírio, da sua morte, cf. J. MURPHY-O'CONOR – *Jesus e Paulo*, 156-157, que cita Eusébio in *História Ecclesiástica*, 2.25: «está registado que Paulo foi decapitado no reino de Nero».

⁶ Fl. 2,8: «rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de Cruz». Cf. o texto de Enzo BIANCHI – «Jesus Christ dans la Lettre aux Philippiens».

⁷ Cf. Rm. 8, 18-22, 1 Cor 15, 45-48 e 2 Cor 5, 1-8.

A comunidade nasce quando sente a queda e se deixa inundar por uma luz intensa. Como na narrativa do Apóstolo, também na da comunidade, hoje. A luz do encontro com Cristo provoca o vislumbre de uma nova realidade, realidade que se vê em Cristo, sendo «filhos novos», ajustando o interior ao de Jesus em cada um, deixando que seja a alma a ver correctamente, adequadamente.

2. Comunidade, modelada pelo Evangelho

Esta passagem é efectuada pela Palavra, como na primeira comunidade logo nos inícios da década de 50, I século, em Tessalónica.

Paulo, na sua estada em Tessalónica, anunciou uma outra forma de estar na vida, acreditando que o crucificado pelos judeus estava vivo e que lhe tinha aparecido. *O crucificado / ressuscitado era o centro único* da pregação de Paulo, o seu Kerigma, o seu anúncio solene⁸. Não se preocupou Paulo em justificar aquilo que dizia, nem em criar uma argumentação à maneira da área helénica em que pregava. Preocupou-se, sim, em testemunhar que o crucificado/ressuscitado (por isso vivo) lhe aparecera e assim tinha transformado a sua vida, de defensor do Império para defensor de Cristo. É este o seu Evangelho.

Nesse tempo, ainda não há nenhum escrito dos Evangelhos canónicos, escrito como narrativa da vida recordada de Jesus de Nazaré. O primeiro Evangelho escrito é o de Paulo que só sabe dizer que o Crucificado está vivo e que por Ele dá a vida, pois Cristo *alcançou-o*, isto é, fez da sua vida uma sua propriedade. Paulo deixou-se alcançar por Cristo Ressuscitado, Aquele em quem é digno colocar toda a sua confiança. Este Evangelho simples, o acontecimento de Deus na vida de Paulo, como último dos apóstolos, merece a dedicação de toda a sua vida. Para Paulo «viver é Cristo»⁹. É isto que ele anuncia e que propaga nas suas viagens (de menor ou maior alcance).

A Palavra de Paulo é Cristo e Cristo é o Seu Evangelho, isto é, Boa Nova, no interior dos infortúnios que acontecem em todas das regiões do Império. Boa Nova que transforma a direcção interior e exterior da vida do Apóstolo e que ele anuncia, de forma gratuita¹⁰, a tempo e a contra-tempo, de forma oportuna e inoportuna.

Desta forma, a Palavra em Paulo não é uma realidade exterior, nem somente uma mensagem moral que o faz diferente do ponto de vista ético. Trata-se, sim, de *uma pessoa* que o alcançou¹¹, que o impressionou até à medula, que o revestiu de nova

⁸ Cf. 1 Cor. 15, 3-5.

⁹ Cf. Rm 6,4 e Gl 2,20: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim». Cf. também Fl 3, 4-11: «... tudo perdi e considero esterco, a fim de ganhar a Cristo».

¹⁰ Cf. 1 Cor 9, 18.

¹¹ Fl 3,12: «... já que fui alcançado por Cristo».

razão, que lhe concedeu outro ser, o «ser em Cristo»: n'Ele, Paulo é uma «pessoa nova». O seu centro dinamizador. A sua Paz integradora de todos os projectos. A sua razão de falar, a sua visão nova, o seu novo culto. Apanhado por Cristo que o amou e se entregou por ele. O Evangelho, em Paulo, não se trata de um «simples discurso», nem de um campo de persuasão de teor retórico. Trata-se da força de Deus, da sua sabedoria, da superabundância da acção do Espírito.

Há uma dupla equação nova recebida do testemunho de Paulo: Palavra = Evangelho = Cristo. Nesta equação assenta a comunidade. Não se trata de discutir um som, mas de viver no encontro pessoal com o Verbo de Deus; não se trata de mendigar algumas regras para uma conduta moral irrepreensível, mas de uma carta de liberdade¹² que é boa notícia, entrada numa vida nova, princípio de um mundo novo no qual vive, por dentro, sem subterfúgios nem fingimentos.

3. Comunidade, atenta à voz

Esta Palavra, como Evangelho, irrompeu na sua vida, como dom, como graça, como presente luminoso de Deus. Ele acolheu, surpreendido, sentindo a «escolha» que nele foi realizada, não por seu mérito, mas por livre iniciativa de Deus que ama, de Deus que o amou¹³. O Senhor não faz acepção de pessoas, mas irrompe na sua vida de forma surpreendente. Não requer nenhum estatuto especial, mas acontece nas peripécias de uma peregrinação, onde cada um procura ser autêntico, sem a mediocridade de subterfúgios, como se a Deus fosse possível enganar.

O Evangelho que Paulo anuncia, a Palavra que comunica, não tem a força persuasora do raciocínio humano, apesar de acontecer dentro de regras retóricas que o apóstolo maneja de forma brilhante. Tem, sim, a força e a eficácia do Espírito, a sua acção. Não se trata do fruto do raciocínio sempre falível, mas da presença infalível do Deus que Se dá e que só nele se vive, quando há despojamento de todas as manias humanas, como se fosse o homem o autor da história e Deus apenas uma auréola por ele fabricada como pincelada de beleza. Trata-se do contrário: a fonte é Deus, o seu Amor imenso, a sua vida traduzida em dádiva permanente para quantos lhe abrem o coração e se deixam libertar, tornando-se «filhos», passando do estatuto de escravos ao de homens livres¹⁴,

¹² Cf. Gl 5, 1-13.

¹³ 1 Tes. 1,4.

¹⁴ Cf. Gl 4, 21-31 onde afirma: «Irmãos, não somos filhos da escrava, mas da mulher livre» (Sara/ Agar). Cf. também Rm 6, 15-23 e 8, 14-17: «vós não recebestes o espírito que vos escravize, mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adoptivos...».

fazendo o pacto com a liberdade que só Deus sabe e pode dar infinitamente. Assim, nasce a comunidade à maneira de Paulo, nasce de Deus.

Nesta sequência, em Paulo, *acontece uma «voz» inesperada*, na surpresa de uma viagem a caminho da cidade de Damasco, com uma intenção de autenticidade – a de preservar um Império ameaçado e uma religião também posta à prova pelos «seguidores de um tal Cristo». A «voz» surpreende, faz parar, interroga inesperadamente, mas «faz-se ouvir». A viragem acontece sempre a partir daquilo que *se ouve*, de um som que vem do outro lado, de uma voz que pronuncia um nome e que tem o poder de o transformar.

Paulo não é propriamente um convertido, mas um arrebatado, não é uma pessoa que procura, à deriva, mas alguém que é procurado, alguém para quem se fala no decurso de uma vida cheia de sentido, alguém que fica transtornado pela voz diferente que o faz mudar de atitude, de programa, de objectivo. É um *vocacionado*, sobretudo¹⁵. Era ele sério, instruído, sabedor, orientado. Mas cai das suas certezas, para escutar a voz que o orienta noutra direcção, que o informa doutros procedimentos, que lhe revela *o fascínio de outra rota*. Trata-se sobretudo de um reorientado, de alguém a quem é oferecido um outro sentido. É esta re-orientação que ele oferece aos que perseguia.

«Porque me persegues?» – A pergunta que aflige, que cega, que faz cair, implica o diálogo de quem vive na busca da verdade. «Quem és tu, a quem persigo?». O diálogo abre caminho, aponta a estrada a seguir, dá as primeiras orientações, indica a comunidade de pertença, na casa de Ananias, na opção pelo baptismo e na dedicação ao Ressuscitado.

É da voz que nasce uma nova estrada, nele, Paulo e em cada um dos inscritos na comunidade reunida em torno do Ressuscitado, comunidade em qualquer lugar, com o mesmo centro. A «voz» não é só para alguns, mas pertence a cada um, é património da Palavra que lhe está na origem. Só se escuta a Palavra que é pronunciada, sempre com o fulgor e a força de quem se oferece para abrir uma via nova nas vidas dos semelhantes. As comunidades nascem da escuta da Voz. «De muitas formas, de muitos modos»¹⁶, mas nos caminhos autênticos de cada um, para fazer brotar itinerários de santidade, para descrever as sendas exactas pelas quais cada um tem de caminhar.

A Palavra faz o milagre da constituição da comunidade de Tessalónica¹⁷, ecoou no meio de pessoas pela boca eloquente de Paulo, porque inicialmente foi escutada por ele, tornou-o discípulo do Ressuscitado, *levou-o à troca de montada*

¹⁵ Sobre o assunto, cf. Michel QUESNEL – *Saint Paul*, 33.

¹⁶ Cf. Heb. 1,1.

¹⁷ Cf. 1 Ts 1,6: «Vós fizestes-vos imitadores nossos e do Senhor, acolhendo a Palavra em plena tribulação, com a alegria do Espírito Santo».

pelo Evangelho do Ressuscitado. Tessalónica fundou-se e floresceu, porque Paulo foi constituído apóstolo, narrando o que lhe acontecera de forma gratuita e como aderiu a esta nova via que, antes, tinha considerado um empecilho para o Império. A troca está aqui, a partir da voz. É sempre a voz que seduz, que reorienta, que traça o caminho a seguir, que faz a comunidade. Paulo prosseguirá nas rotas físicas do Império, mas deixou que o coração se voltasse para o novo Imperador, Cristo Ressuscitado. Não anunciará mais a família nem a familiaridade com os Césares. Mas aproximará as pessoas da família edificada no Espírito oferecido na Cruz de Cristo Jesus. Eis um Evangelho. A Palavra – a sua voz – fica gravada no coração. Por isso, fará eco naqueles que o escutam e frutificará no enredo da sua vida (Paulo) e no enredo da vida da comunidade (Tessalónica)¹⁸.

Mais do que uma conversão, trata-se de uma audição amorosa, mais do que de uma reviravolta, trata-se de uma orientação nova, mais do que uma negação do seu ser judeu, trata-se de uma abertura do judaísmo ao dom de Deus que lhe foi oferecido no diálogo inaugural do Ressuscitado.

4. Comunidade convicta, expectante, agradecida, fraterna

A comunidade de marca Paulina não fica isolada, pois o apóstolo é missionário. A Boa Nova recebida é uma carta de envio sobre os caminhos do mundo, para *contar o sucedido*, para entender a transformação já realizada no encontro, para actuar de forma digna de quem foi escolhido.

Tal actuação, no primeiro escrito cristão – aos Tessalonicenses – dá conta da beleza das primeiras pregações realizadas por Paulo enamorado. Deixa-se arrastar pela «acção do Espírito Santo» que o reveste de uma outra sabedoria, utilizando todo o património cultural que possui, enviado como «anúncio do Evangelho».

O primeiro aspecto deste anúncio¹⁹ é o da sua convicção, até ao ponto de obter uma viragem radical do procedimento em Tessalónica. Para Paulo, além de Cristo, tudo o resto são «ídolos» e os habitantes da região (da cidade) afastam-se dos ídolos para anunciar a fé em Deus, espalhada naquela comunidade. Que reviravolta! O Império não era apenas de ontem nem de algumas décadas e os rituais em torno

¹⁸ 1 Ts 1,8.

¹⁹ Cf. 1 Ts 1, 2-10: «... para aguardardes do Céu o Seu Filho, que Ele ressuscitou de entre os mortos...» (10). Repete-se o fundamento de todo o Evangelho de Paulo – Jesus morto e ressuscitado: o testemunho de Paulo baseia-se na mensagem da morte e especialmente da ressurreição de Jesus. Cf. E. P. SANDERS – *San Paolo*. Génova: Il melangolo, 1997, 29.

do Imperador estavam presentes em todas as províncias. A mudança é drástica, rápida, parece mesmo sem precedentes. Paulo era um *convencido* por Cristo, não lhe retirava nada, mas convencia a apostar na Ressurreição aqueles que ouviam o seu anúncio. Tinha a convicção do anúncio. Não a timidez.

O Império tinha alicerçado marcos, tinha cultos oficiais em torno das datas dos Imperadores, tinha rituais e impostos aprovados para qualquer tipo de dissidências ou de desacatos, tinha a sua teia de segurança e de espionagem. Mas Cristo tudo alterou e isto pela palavra *convicta* de um perseguidor que se deixa moldar por uma luz intensa que dele se apoderou integralmente. Que homem convicto! Os ídolos foram destronados, os rituais do Império serão esquecidos, e o eco de novas práticas, baseadas na Palavra, propaga-se, faz vaga na região, pelas províncias do Império na Grécia, na Macedónia e na Acáia²⁰.

E os ídolos em tempo de descristianização e os ídolos hoje nas comunidades? – Confiscam o lugar de Cristo, trocam-no e a eles se presta culto. À maneira de Paulo, importa manter para si próprio a convicção da Palavra que chama: é prosseguir no chamamento da voz inconfundível de Cristo, é desviar-se de sereias constantes, mas sem consistência; é ressalvar e fundar a vida no centro fundador do Ressuscitado, do crucificado que está vivo.

Mais ainda, o segundo traço deste primeiro texto cristão tem a ver com a radicalidade de uma existência entregue ao Senhor, na época de paz e de serenidade e nos tempos de infortúnio e de perseguição. A convicção de Paulo gera uma comunidade, provoca o ribombar dos ecos de uma trégua que o Espírito faz aparecer, e, assim, traz também as intempéries da perseguição. Aí, importa estar radicalmente unido a Cristo. Esperava Paulo e a sua primeira comunidade de Tessalónica a vinda iminente de Cristo, a sua última vinda para a todos levar com Ele.

É esta «hora» iminente de Cristo que importa ter presente no momento actual da Igreja; todos os dias são «dias» de Deus, isto é, o tempo em que o Seu Amor é radical para nós. Importa despertar, nos nossos dias, a «reserva escatológica» do cristianismo: não se está no fim, mas vive-se do fim. Deus está agora²¹. Nem tem sentido que meçamos muito o tempo provável que ainda resta; importa que o que «resta» seja só para Ele que nos amou e se entregou por nós! O «hoje» de Deus é cada momento que passa e que lhe entregamos com honestidade, com aquela sabedoria que cada um acolhe vivendo para Ele, com aquele afecto que cada um lhe dispensa nas coisas pequenas que constituem a maior causa da vida.

²⁰ Cf. 1 Ts 1,7.

²¹ Cf. o pensamento de Enzo BIANCHI – *Per un'etica condivisa*. Torino: Einaudi, 2009, 119-120: «A vida não pode limitar-se ao nosso horizonte mundano (...). A dimensão escatológica relativiza cada realização na expectativa do regresso do Senhor...».

Para além disto, a Palavra aos Tessalonicenses consigna uma dupla atitude, ancorada na vida do Senhor e rapidamente assimilada por Paulo, e hoje de importância para as comunidades.

De facto, Deus age para a humanidade em posição de resgate ou de salvação em atitude de oferenda, de acção de graças; perdoa, oferecendo-se e restaura o equilíbrio da humanidade, celebrando a graça de Cristo, a Sua acção de graças por todos. A lição é de agradecimento²², talvez porque Deus tem necessidade dos homens, até das suas noites e daquilo que constitui as suas ousadias, para manifestar o Seu imenso Amor. A Sua atitude primordial é dar graças em Cristo, dar graças pela Sua entrega, pela dádiva do Seu Amor, pela dedicação do Seu Filho que se oferece por Amor. Esta atitude fundamental de Deus, sem retirar nada ao peso da iniquidade humana, é salvadora da humanidade, é o lado positivo da falta, é o Evangelho da noite escura, é o dia eucarístico da Aurora nova. Por seu turno, Paulo entende isto desde o início – «Damos continuamente graças a Deus por vós»²³. As pessoas reunidas em Tessalónica receberam o Espírito do Ressuscitado, não precisaram de pregações de esconjuro, nem de admoestações de medo. Foi no agradecimento, na explicação da recepção dos dons de Deus, na alegria de partilhar o Deus vivo em Cristo que Paulo apostou certamente. Uma atitude para hoje.

As atitudes das comunidades hoje podem entrar neste caminho de aprendizagem do agradecimento, do reconhecimento do bem, da leitura de tudo quanto é bom, para positivamente prosseguir em frente, já que o Ressuscitado é vida nova. Dar graças é plataforma para ressuscitar, agradecer pode rimar com viver, para que as comunidades sejam mais cristãs, isto é «de Cristo».

Neste espírito, importa reassumir uma outra atitude de Paulo no seu primeiro escrito: «Damos graças... recordando-vos sem cessar nossas orações»²⁴. Isto diz respeito à lembrança do amor que circula na comunidade. Não tem como fundo nem o ciúme, nem a acusação, nem o julgamento precipitado, nem tão pouco a comparação doentia com aquilo que vamos conseguindo face aos mais desprotegidos. A oração de Paulo tem a ver *com a circulação do amor entre os irmãos*. Esta é a prova de que na comunidade há uma «fé activa»²⁵.

Na comunidade, hoje, o que terá cada um de aprender, para sair de uma visão narcísica da vida cristã, para se entregar pelo bem e pelo crescimento do

²² Cf. particularmente as saudações das cartas paulinas, onde o agradecimento está sempre presente, tratando-se de uma espécie de remissão Paulina ao tema central da «Ceia do Senhor», como Acção de graças de Cristo, que faz a Igreja.

²³ 1 Ts 1,1.

²⁴ 1 Ts 1,2.

²⁵ 1 Ts 1,3.

outro, para rezar pelos seus irmãos (irmãs), dando contínuas graças a Deus por tudo o que o Seu Espírito suscita hoje no mundo. É com os outros que a «caridade é activa». Eis a maneira Paulina de fazer comunidade.

5. A comunidade, documento escrito / «Carta de Cristo»²⁶

A comunidade de Corinto aparece na Escritura como comunidade rica em bens materiais e em bens espirituais. No desenvolvimento dos dois textos canónicos que fazem parte do tesouro da Igreja – 1 e 2 aos Coríntios –, Paulo deve ter escrito mais cartas, talvez mais duas²⁷, a esta comunidade, já que onde superabundam os bens também abundam as dificuldades, os conflitos e mesmo as dissidências²⁸, também nas comunidades dos nossos dias.

De facto, se na primeira carta, Paulo centra a vida dos fiéis da comunidade em Deus, por Cristo, pois não foi invenção dele o Evangelho pregado, na segunda carta desenvolve o seu ministério como obra apostólica, sobretudo voltada à reconciliação entre todos.

Os partidos religiosos, numa cidade cosmopolita, começam a crescer e os diferentes mensageiros não possuem a credibilidade que detém o apóstolo fascinado por Cristo Ressuscitado. O segundo capítulo desta carta dá mesmo a entender que Paulo fora alvo de alguma desfeita, por parte de alguém da comunidade, afirmando que a sua consolação é Cristo, pois seu Pai é «o Pai das misericórdias e o Deus da consolação»²⁹. É este Pai que consola de toda a amargura. O sofrimento paulino é ocasião de preparação interior, de treino/exercício, para ser totalmente de Cristo.

Paulo, como qualquer cristão de hoje, tudo pode, tudo prega, tudo suporta, em Deus que o consola pela Cruz do Seu Filho, dom inestimável que derrota a morte e oferece vida nova.

Diante das afrontas ou até das acusações, Paulo não recorre a mais argumentos senão o de ser apóstolo de Cristo³⁰, por Ele apanhado e por Ele enviado,

²⁶ Cf. 2Cor 3, 1-18: «(...) A nossa carta sois vós, uma carta escrita nos nossos corações (...). É evidente que sois uma carta de Cristo (...)» (2-3).

²⁷ Cf. Michel QUESNEL – *Saint Paul*, 44-45: «Il faut compter au moins quatre lettres de Paul aux Corinthiens...» (44).

²⁸ Cf. 1Cor, 1-4: «Refiro-me ao facto de cada um dizer: 'Eu sou de Paulo', ou 'eu sou de Apolo' ou 'eu sou de Cefas', ou 'eu sou de Cristo'. Estará Cristo dividido? (...)» (1, 12-13).

²⁹ 2Cor 2, 17: «(...) Não somos como muitos outros que falsificam a Palavra... mas é com sinceridade (...) que falamos em Cristo, diante de Deus».

³⁰ Cf. 2Cor 4,5: «... Não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor, e nos consideramos vossos servos, por amor de Jesus».

e convida os cristãos ou apresenta-os, no seu conjunto, na comunidade que formam, como a *Carta nobre de recomendação*³¹. Não precisa ele de outras cartas assinadas pelos homens, mas o seu ministério apostólico está atestado pela vida da comunidade a quem se dirige.

Respondendo aos que pretendem «cartas de recomendação» a apresentar pelo apóstolo, Paulo afirma, sem subterfúgios nem reticências, que «a nossa carta, sois vós, carta escrita nos corações, conhecida e lida por todos os homens. Com toda a evidência, vós sois uma carta do Cristo confiada ao nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não sobre tábuas de pedra, mas sobre as tábuas da carne, nos vossos corações. É este o certificado que temos, graças a Cristo diante de Deus (...). É de Deus que vem a nossa capacidade»³².

Mais do que uma tarefa pessoal, na altura, escrever uma carta era uma empresa de uma equipa, havendo para isso os escribas, já que era tarefa que demorava tempo e que exigia o cuidado próprio e os utensílios para traçar os sinais sobre a pedra, a tábua ou, mais tarde, sobre pastas de barro. Quando muito, Paulo assinava pelo seu punho. Escrever uma carta era uma empresa de grupo. Paulo ditava o que desejava dizer e, por vezes, apensava um sinal da sua própria mão. A força do argumento paulino é ainda maior: para conferir a sua autenticidade não é necessário mais ninguém, mas apenas a vida da comunidade em torno de Cristo anunciado por ele. Não se trata de fazer valer uma doutrina com a autoridade de coisas, de papéis ou de objectos, mas de apresentar uma comunidade *que vive* sob a inspiração constante de Cristo ressuscitado. «A nossa carta sois vós, os cristãos», que seguem o modelo de Cristo e que se gloriam na Cruz salvadora do Senhor!

Os cristãos de Corinto são os *parágrafos vivos* da carta que Paulo apresenta, pois as letras de Deus estão gravadas no seu coração e o amor que os identifica é o texto quotidiano que os outros podem ler para certificar a sua congruência com o mistério de Jesus que anunciam.

O primeiro parágrafo desta carta que são os cristãos é o de Cristo Ressuscitado, que apresentam sobretudo na leitura positiva da vida, já que não anunciam um Cristo morto, mas Aquele que abre a vida nova da ressurreição para todos. Paulo já o havia repisado no capítulo décimo quinto da primeira carta enviada talvez dois anos antes: Se Cristo não ressuscitou a nossa fé é vazia, mas o que eu recebi e vos transmiti é que «o crucificado e sepultado, ressuscitou e apareceu a muitos e também me apareceu a mim, em último lugar»³³. É deste

³¹ 2Cor 3,1: «Temos necessidade de cartas de recomendação?».

³² 2Cor 3, 2-5.

³³ Trata-se, talvez, do primeiro *Credo* das comunidades primitivas, de teor litúrgico, em 1Cor 15, 3-5.

Cristo vivo que vós sois carta escrita na vossa carne. Lê-se, assim, no vosso rosto a alegria da Ressurreição, por isso, «de novo vos digo, alegrai-vos», lê-se no vosso rosto a esperança que d'Ele vem, lê-se em vós a escrita do Espírito como obra de Deus.

Vamos mais além. Paulo já dissera que havia atitudes que não eram convenientes para a comunidade, que havia práticas nos banquetes aos ídolos que não eram adequadas, posturas no ágape da comunidade que não seriam de manter³⁴. Disto tratou na primeira carta. Aqui é positivo, a comunidade é, para empregar a expressão do último sínodo em Roma, *é o rosto da Palavra* que a habita, é o rosto do Senhor, o que tem consequências nas práticas de todos os dias.

Há uma forma de estar no mundo que convém à Palavra da verdade que receberam, e esta forma traduz-se simplesmente na partilha dos bens, no cuidado pelos mais fracos, na capacidade de estar ao lado dos mais desprotegidos. A Palavra que receberam, Cristo neles, não se compadece com meias atitudes, com dissimulações, com estragos em nome do tesouro que receberam. A Palavra deve brilhar no seu rosto, tratando-se do Rosto de Deus. É isto que recebem na celebração da «Ceia do Senhor»³⁵.

Sendo assim, a carta pode ser lida por todos, encarando a vida com esperança, abrindo possibilidades aos que são maltratados pela sorte, anunciando que o tesouro de Deus é mais forte do que as manias humanas de criticar sem argumento, de condenar por arrogância ou de desprezar os outros apenas arvorados nos píncaros da santidade. Os santos foram carta de Deus, em Corinto ou noutras cidades, na humildade de receberem Cristo na sua vida.

Paulo não reclama outra coisa senão a de se reunirem, como Jesus com os primeiros, para dar graças por Cristo, isto é, para a celebração da fracção do pão da unidade, ou para a celebração honesta e dedicada da «Ceia do Senhor», fazendo a «Sua memória»³⁶.

Os cristãos de Corinto, ou de hoje, só são «carta de Cristo» na medida em que recebem a sua identidade de Cristo, e isto realiza-se na «Ceia» que celebram. Lembram assim que todos nasceram da Páscoa de Cristo, que todos são irmãos porque nascidos desta fonte. É a Ceia do Senhor que constitui o lugar fundador da fraternidade.

Desde o início, não é possível que as comunidades cristãs, sem fingimento, fiquem à margem da Eucaristia, o sacramento da Entrega de Deus por todos

³⁴ Cf. 1Cor 10-11: «a idolatria, a desunião, a desigualdade na 'ceia do Senhor'». Cf. sobre esta questão Michel QUESNEL – *Saint Paul*, 47-51.

³⁵ Cf. 1Cor 11: «Anunciais a morte do Senhor» (11,26) e, por isso, «quando vos reunirdes para comer, esperai uns pelos outros» (11,33).

³⁶ 1Cor 11,25.

em seu Filho. Ser «carta de Cristo» implica um regresso constante, sem o desconsolo de justificações, mas na humildade de receber o alimento que Deus dá, vindo do Céu. Ninguém é carta de Cristo, sem Ele. Ele é recebido, comido, na «refeição eucarística».

Viver em Cristo implica canalizar todas as devoções, todos os ritos do quotidiano, todas as horas de desgaste pelos outros, para o banquete no qual Deus se dá. Para ser carta de Cristo importa deixar-se marcar pela Sua impressão digital, e essa é tatuada na comunhão do Seu corpo e do Seu sangue. A comunidade não é sem Eucaristia.

Pode-se gastar a vida dispensando as energias em mil e um projectos, mas aquele que tem interesse e marca de imortalidade é o projecto eucarístico, que imprime no rosto das pessoas a marca de Cristo ressuscitado, entregando continuamente a vida. As devoções, hoje, são válidas, desde que com a marca da Eucaristia.

7. A comunidade, em «doçura, respeito e consciência recta»

Quando o último Sínodo dos Bispos³⁷ apresenta a Palavra de Deus como a «casa», *fala da Igreja*, da comunidade universal. É esta a sua morada, mas sempre sob a condição de que esta Igreja nasce da Eucaristia. Assim, aqueles que vivem a Palavra em Jesus Cristo formam a casa universal, a assembleia onde Deus está permanentemente oferecido ao mundo.

Quem vive a Palavra de Deus, quem a torna efectiva na sua vida, é casa de Deus para o mundo. Casa de Deus, Igreja, *com os outros*, na estima da fraternidade que faz cada um unido aos outros, realizando a oração permanente de Jesus «que todos sejam um». Neste contexto, e citando a 1 Ped.3, 16-17, o Sínodo lembra que a metáfora da «casa» como habitação da Palavra, exige de quem a vive, a «doçura, o respeito, a consciência recta»³⁸. Isto é um primeiro reflexo da Eucaristia que faz a Igreja e que cada um celebra tornando-se Igreja. «Doçura, respeito e consciência recta».

Estas marcas são, para os que vivem os carismas, como Paulo os apresenta, ao serviço da comunidade, do bem comum³⁹, *a fachada mais bela do edifício*.

³⁷ Cf. « Message final de la XIIe Assemblée Ordinaire du Synode des Evêques ». In *Documentation Catholique*. N° 2412, 16.11.2008, 1006-1014, particularmente o ponto III, 1008-1010.

³⁸ *Ibidem*, n° 7, pág. 1009.

³⁹ Cf. 1Cor 12: «Deus dispôs o corpo, de modo a dar a maior honra ao que dele carecia, para não haver divisão no corpo e os membros terem a mesma solicitude uns para com os outros» (12, 24-25).

Doçura que se exprime nas palavras, na forma de se dirigir ao outro, na saudação, na intervenção em benefício dos outros, na beleza dos gestos que se fazem e das expressões que se pronunciam. A doçura sai de dentro, das entranhas de quem se alimenta do sabor de mel da Eucaristia, mas exprime-se na coerência, na recatez, na moderação das palavras, na tolerância e até no silêncio imposto nas horas de muita turbulência. A doçura é irmã gêmea da Paz interior que é dom Pascal de Cristo. Cada um com o seu carisma, mas todos sob o impulso da doçura que é dom do Espírito.

O «*respeito*» é uma forma de amar o outro, sem exigir que seja cópia de ninguém, mas desejando-lhe bom caminho, querendo o melhor para ele, sem exigência de fotocópia das virtudes da moda. O respeito só aparece quando se aprecia a diferença, quando não mastiga exageradamente o desejo de ser mais do que os outros, quando se aceita a trajetória real que Deus descreve connosco no dia-a-dia. O respeito é muito parecido com o *espelho* limpo e polido: quando se olha o outro com delicadeza dá-se conta que a imagem que olha está nele, na pupila do outro. Respeito e espelho conjugam-se. Parece estar aqui um segredo da comunidade à maneira Paulina, como «casa da Palavra», a da Igreja em construção: admirar-se da imagem do outro, o que leva a uma atitude simples de acção de graças. Pelo menos é esta a carta que Paulo «apresenta» da comunidade de Corinto, rica porque «é de Deus que provém a nossa capacidade»⁴⁰.

A faceta mais nobre desta «casa da Palavra» vem da *consciência recta*, da limpidez do olhar que habita cada cristão, da delicadeza e do asseio consigo mesmo. Nasce tal consciência da intimidade com Deus procurada todos os dias, sem tentar esconder o que a Ele não se esconde. A sabedoria está nele, a beleza está n'Ele, a transparência é reflexo da Sua luz em cada um. Cada um nasce do Seu nascimento, sem deixar ganhar pó a sua Incarnação, mas devolvendo-se cada dia à energia do Verbo que se fez homem, como dádiva do Seu Amor. A consciência recta é a tradução simples de uma retoma da Incarnação todos os dias, de um pacto com o Verbo que se fez homem e que reabre a estrada de Deus na comunidade, dando a possibilidade de caminhar no seu fascínio. Viver de consciência recta é saber que se vive n'Ele, que a sabedoria é Ele, que a ciência é a sua Cruz, que o centro da vida é o único lema que deixou: A comunidade é uma realidade fraterna, união com os mais próximos, um culto espiritual.

⁴⁰ Cf. 2Cor 3,5.

A «Casa da Palavra», casa da comunidade, tem portas sempre abertas, para que não passe ninguém sem se deixar, pelo menos, inebriar do perfume de Cristo.

Por cada um dos cristãos, refere Paulo à comunidade de Corinto, passa e expande-se o «perfume do conhecimento de Deus»⁴¹. A Palavra vivida tem esta porta do *odor benéfico* de Cristo. Quem passa será atraído, não pelo barulho de muitos discursos, nem pelo poder de representar qualquer grupo, mas pela presença do Senhor que foi embalsamado com perfumes e que deixou expandir os odores da Sua Ressurreição, espalhando-os pelo mundo. Quando as «portas» da comunidade estão abertas é este perfume que é derramado nos lugares onde habitam os homens.

A comunidade, como carta, é uma carta perfumada, repleta das fragrâncias dos sacramentos que recebe, dos odores do crisma com que é ungida, da limpeza da água pura e corrente que jorra do poço que é Cristo. A «Casa aberta», a comunidade aberta, cheira às essências do Paraíso, pois Cristo está «sentado à direita do Pai» e é recebido em cada um.

Quanto cuidado nas formas de estar, de vestir, de jogar com as cores, de perfumar a cabeça, para que Cristo seja tudo em todos! O grande perfume é a «caridade», o que significa Deus em cada um, no corpo da comunidade: paciente, bondoso, benigno, afável, de bons modos, temperado, simples, apoiante, limpo, puro, misericordioso, alegre, positivo, benfeitor, honesto, cumpridor, orante, amigo dos pobres, criança que salta para o colo do Pai!⁴²

Nota Bibliográfica

BIANCHI, ENZO – *Per un’etica condivisa*. Torino: Einaudi, 2009.

GONZÁLEZ RUÍZ, José Maria – *El evangelio de Pablo*. Santander: Sal Terrae, 1988.

MARTINI, Carlo Maria – *L’Évangile de Paul*. Paris: Médiaspaul, 2008.

MURPHY-O’CONOR, Jerome – *Jésus et Paul*. Paris/Montréal : Cerf/Médiaspaul, 2006 (Traduzido em língua portuguesa – *Jesus e Paulo: vidas paralelas*. Prior Velho: Paulinas, 2008).

LÉGASSE, Simon – *Paul Apôtre*. Paris/Québec : Cerf/Fides, 2000.

QUESNEL, Michel – *Saint Paul et les commencements du christianisme*. Paris : Desclée de Brouwer, 2008.

SANDERS, E. P. – *San Paolo*. Génova: Il melangolo, 1997.

⁴¹ 2Cor 2, 14-15.

⁴² Cf. 1Cor 13. Cf. E. P. SANDERS – *San Paolo*, 115 e 128, onde escreve: «oferece portanto a primazia de um código de comportamento fundado sobre o princípio hebraico do amor para com o próximo e sobre o novo princípio de união com Cristo».